

**Estudos Culturais, marxismo e classe social: relações e
contradições**

**Estudios culturales, marxismo y clase social: relaciones y
contradicciones**

**Cultural Studies, Marxism and Social Class: Relations and
Contradictions**

Lirian Sifuentes

Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Brasil. Jornalista da TVE-RS.

Contato: lisifuentes@yahoo.com.br

Artigo submetido em 04/04/2019
Aprovado em 22/05/2019

Resumo

O artigo enfoca a relação dos Estudos Culturais com o marxismo, apontando tanto convergências (Curran, Grossberg) quanto divergências (Hall). Abordamos o espaço da categoria classe social no desenvolvimento de pesquisas empíricas de audiência abrigadas pelos Estudos Culturais. Nesse sentido, o texto também reflete sobre possíveis contribuições de Bourdieu para essa discussão, por meio dos conceitos de *habitus*, capitais e gosto. Ao fim, amparamo-nos em autores fundamentais para os Estudos Culturais para defender a retomada de um olhar marxista sobre a cultura e a comunicação, com centralidade para o estudo da classe social.

Palavras-chave: Estudos culturais. Marxismo. Classes sociais. Bourdieu. Comunicação.

Resumen

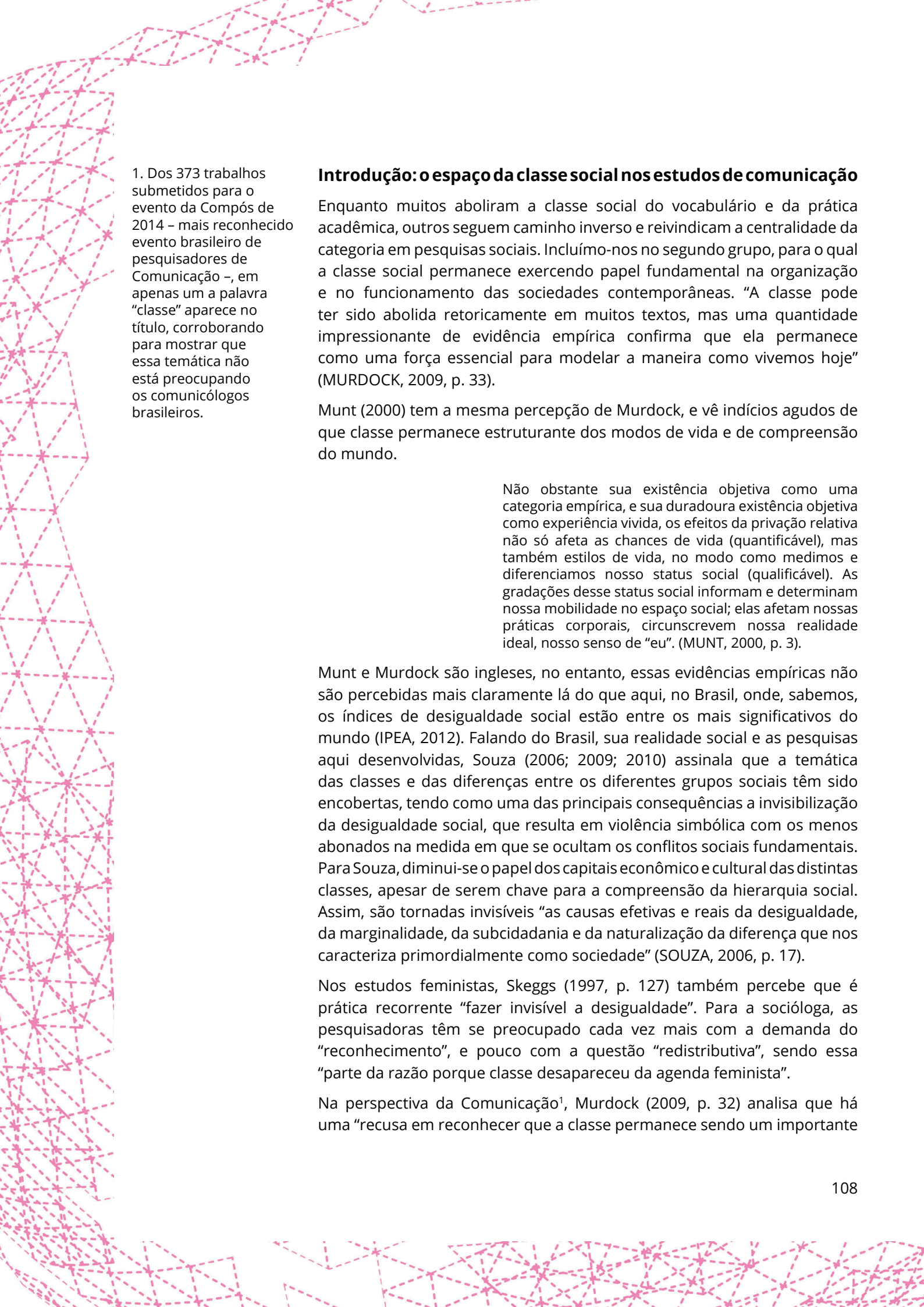
El artículo enfoca la relación de los Estudios Culturales con el marxismo, apuntando tanto convergencias (Curran, Grossberg) como divergencias (Hall). Abordamos el espacio de la categoría de clase social en el desarrollo de investigaciones empíricas de audiencia abrigadas por los Estudios Culturales. En ese sentido, el texto también refleja sobre posibles contribuciones de Bourdieu para esa discusión, por medio de los conceptos de *habitus*, capitales y gusto. Al final, nos amparamos en autores fundamentales para los Estudios Culturales para defender la reanudación de una mirada marxista sobre la cultura y la comunicación, con centralidad para el estudio de clase social.

Palabras-clave: Estudios culturales. Marxismo. Clases sociales. Bourdieu. Comunicación.

Abstract

The article focuses on the relations between Cultural Studies and Marxism, pointing to both convergences (Curran and Grossberg) and divergences (Hall). We approach the space of the category of social class in the development of empirical researches of audience sheltered by Cultural Studies. The text also reflects on possible contributions of Bourdieu to this discussion, through the concepts of *habitus*, capitals and taste. In the end, we rely on fundamental authors for Cultural Studies to defend the resumption of a Marxist view on culture and communication, with a centrality to the study of social class.

Keywords: Cultural Studies. Marxism. Social classes. Bourdieu. Communication.



1. Dos 373 trabalhos submetidos para o evento da Compós de 2014 – mais reconhecido evento brasileiro de pesquisadores de Comunicação –, em apenas um a palavra “classe” aparece no título, corroborando para mostrar que essa temática não está preocupando os comunicólogos brasileiros.

Introdução: o espaço da classe social nos estudos de comunicação

Enquanto muitos aboliram a classe social do vocabulário e da prática acadêmica, outros seguem caminho inverso e reivindicam a centralidade da categoria em pesquisas sociais. Incluímo-nos no segundo grupo, para o qual a classe social permanece exercendo papel fundamental na organização e no funcionamento das sociedades contemporâneas. “A classe pode ter sido abolida retoricamente em muitos textos, mas uma quantidade impressionante de evidência empírica confirma que ela permanece como uma força essencial para modelar a maneira como vivemos hoje” (MURDOCK, 2009, p. 33).

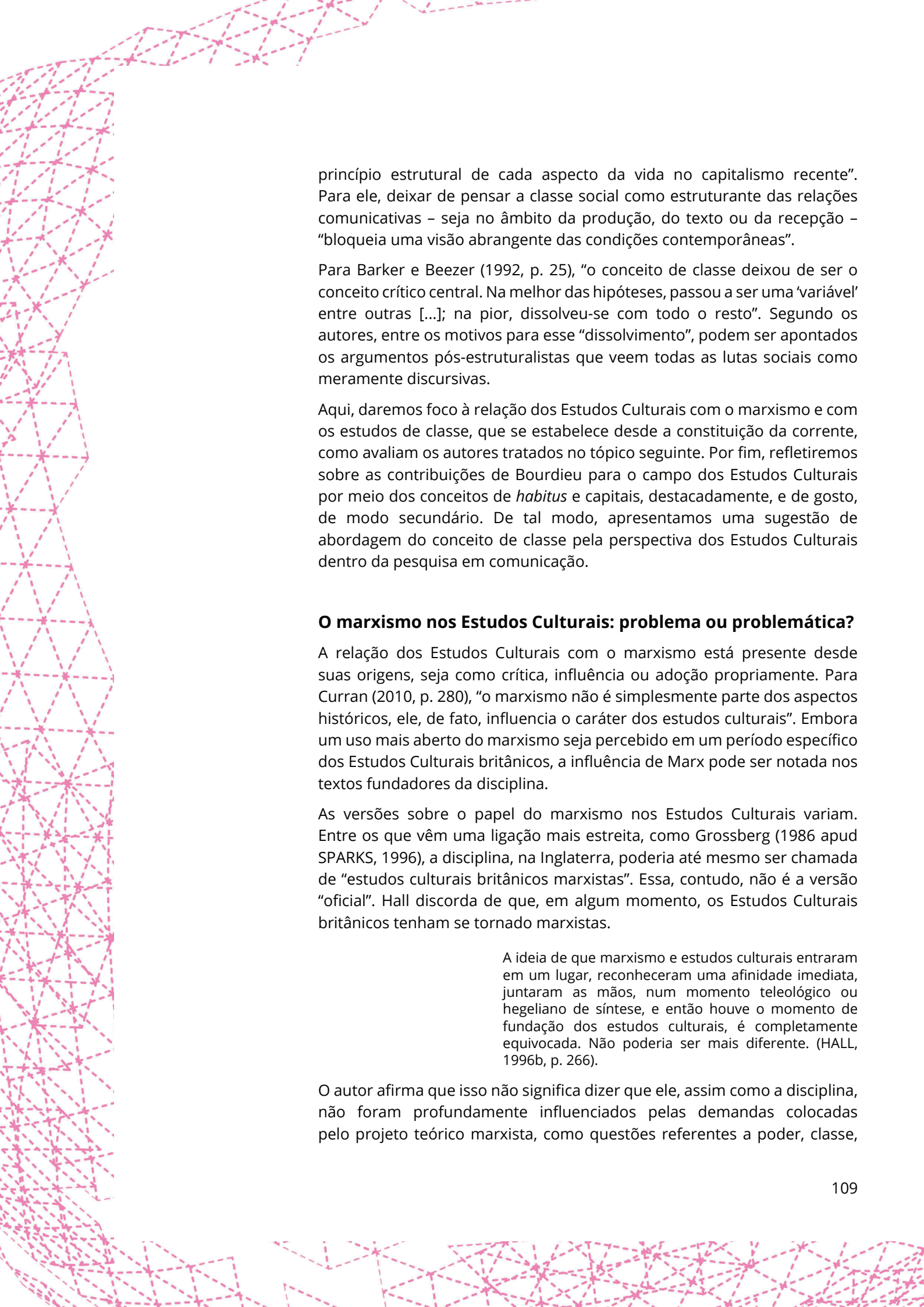
Munt (2000) tem a mesma percepção de Murdock, e vê indícios agudos de que classe permanece estruturante dos modos de vida e de compreensão do mundo.

Não obstante sua existência objetiva como uma categoria empírica, e sua duradoura existência objetiva como experiência vivida, os efeitos da privação relativa não só afeta as chances de vida (quantificável), mas também estilos de vida, no modo como medimos e diferenciamos nosso status social (qualificável). As gradações desse status social informam e determinam nossa mobilidade no espaço social; elas afetam nossas práticas corporais, circunscrevem nossa realidade ideal, nosso senso de “eu”. (MUNT, 2000, p. 3).

Munt e Murdock são ingleses, no entanto, essas evidências empíricas não são percebidas mais claramente lá do que aqui, no Brasil, onde, sabemos, os índices de desigualdade social estão entre os mais significativos do mundo (IPEA, 2012). Falando do Brasil, sua realidade social e as pesquisas aqui desenvolvidas, Souza (2006; 2009; 2010) assinala que a temática das classes e das diferenças entre os diferentes grupos sociais têm sido encobertas, tendo como uma das principais consequências a invisibilização da desigualdade social, que resulta em violência simbólica com os menos abonados na medida em que se ocultam os conflitos sociais fundamentais. Para Souza, diminui-se o papel dos capitais econômico e cultural das distintas classes, apesar de serem chave para a compreensão da hierarquia social. Assim, são tornadas invisíveis “as causas efetivas e reais da desigualdade, da marginalidade, da subcidadania e da naturalização da diferença que nos caracteriza primordialmente como sociedade” (SOUZA, 2006, p. 17).

Nos estudos feministas, Skeggs (1997, p. 127) também percebe que é prática recorrente “fazer invisível a desigualdade”. Para a socióloga, as pesquisadoras têm se preocupado cada vez mais com a demanda do “reconhecimento”, e pouco com a questão “redistributiva”, sendo essa “parte da razão porque classe desapareceu da agenda feminista”.

Na perspectiva da Comunicação¹, Murdock (2009, p. 32) analisa que há uma “recusa em reconhecer que a classe permanece sendo um importante



princípio estrutural de cada aspecto da vida no capitalismo recente". Para ele, deixar de pensar a classe social como estruturante das relações comunicativas – seja no âmbito da produção, do texto ou da recepção – “bloqueia uma visão abrangente das condições contemporâneas”.

Para Barker e Beezer (1992, p. 25), “o conceito de classe deixou de ser o conceito crítico central. Na melhor das hipóteses, passou a ser uma ‘variável’ entre outras [...]; na pior, dissolveu-se com todo o resto”. Segundo os autores, entre os motivos para esse “dissolvimento”, podem ser apontados os argumentos pós-estruturalistas que veem todas as lutas sociais como meramente discursivas.

Aqui, daremos foco à relação dos Estudos Culturais com o marxismo e com os estudos de classe, que se estabelece desde a constituição da corrente, como avaliam os autores tratados no tópico seguinte. Por fim, refletiremos sobre as contribuições de Bourdieu para o campo dos Estudos Culturais por meio dos conceitos de *habitus* e capitais, destacadamente, e de gosto, de modo secundário. De tal modo, apresentamos uma sugestão de abordagem do conceito de classe pela perspectiva dos Estudos Culturais dentro da pesquisa em comunicação.

O marxismo nos Estudos Culturais: problema ou problemática?

A relação dos Estudos Culturais com o marxismo está presente desde suas origens, seja como crítica, influência ou adoção propriamente. Para Curran (2010, p. 280), “o marxismo não é simplesmente parte dos aspectos históricos, ele, de fato, influencia o caráter dos estudos culturais”. Embora um uso mais aberto do marxismo seja percebido em um período específico dos Estudos Culturais britânicos, a influência de Marx pode ser notada nos textos fundadores da disciplina.

As versões sobre o papel do marxismo nos Estudos Culturais variam. Entre os que vêm uma ligação mais estreita, como Grossberg (1986 apud SPARKS, 1996), a disciplina, na Inglaterra, poderia até mesmo ser chamada de “estudos culturais britânicos marxistas”. Essa, contudo, não é a versão “oficial”. Hall discorda de que, em algum momento, os Estudos Culturais britânicos tenham se tornado marxistas.

A ideia de que marxismo e estudos culturais entraram em um lugar, reconheceram uma afinidade imediata, juntaram as mãos, num momento teleológico ou hegeliano de síntese, e então houve o momento de fundação dos estudos culturais, é completamente equivocada. Não poderia ser mais diferente. (HALL, 1996b, p. 266).

O autor afirma que isso não significa dizer que ele, assim como a disciplina, não foram profundamente influenciados pelas demandas colocadas pelo projeto teórico marxista, como questões referentes a poder, classe,

2. Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Palmer Thompson são, com frequência, indicados como os responsáveis pelos primeiros trabalhos identificados como pertencentes aos Estudos Culturais, no final dos anos 1950, na Inglaterra (ESCOSTEGUY, 2010).

3. O autor também se dedica a essa discussão em "Three problematics: Elements of a Theory of Working Class Culture", capítulo do livro "Working class culture" (CLARKE; CRITCHER; JOHNSON, 1979).

4. Entre as principais obras dessa primeira década "marxista", podem ser destacadas as coletâneas "Resistance through rituals" (HALL; JEFFERSON, 1975) e "Working class culture" (CLARKE; CRITCHER; JOHNSON, 1979).

ideologia, etc.. Mantém, contudo, que "nunca houve um momento quando estudos culturais e marxismo representaram um perfeito ajuste teórico" (HALL, 1996b, p. 265). Mais do que isso, considera que a relação dos Estudos Culturais com o marxismo se deu a partir do "engajamento com um problema", e "não com uma teoria, e nem mesmo com uma problemática" (Ibid.). Esse problema refere-se, por exemplo, a um entendimento restrito de "cultura" em Marx e seus seguidores, como trata Williams, e que abordaremos adiante.

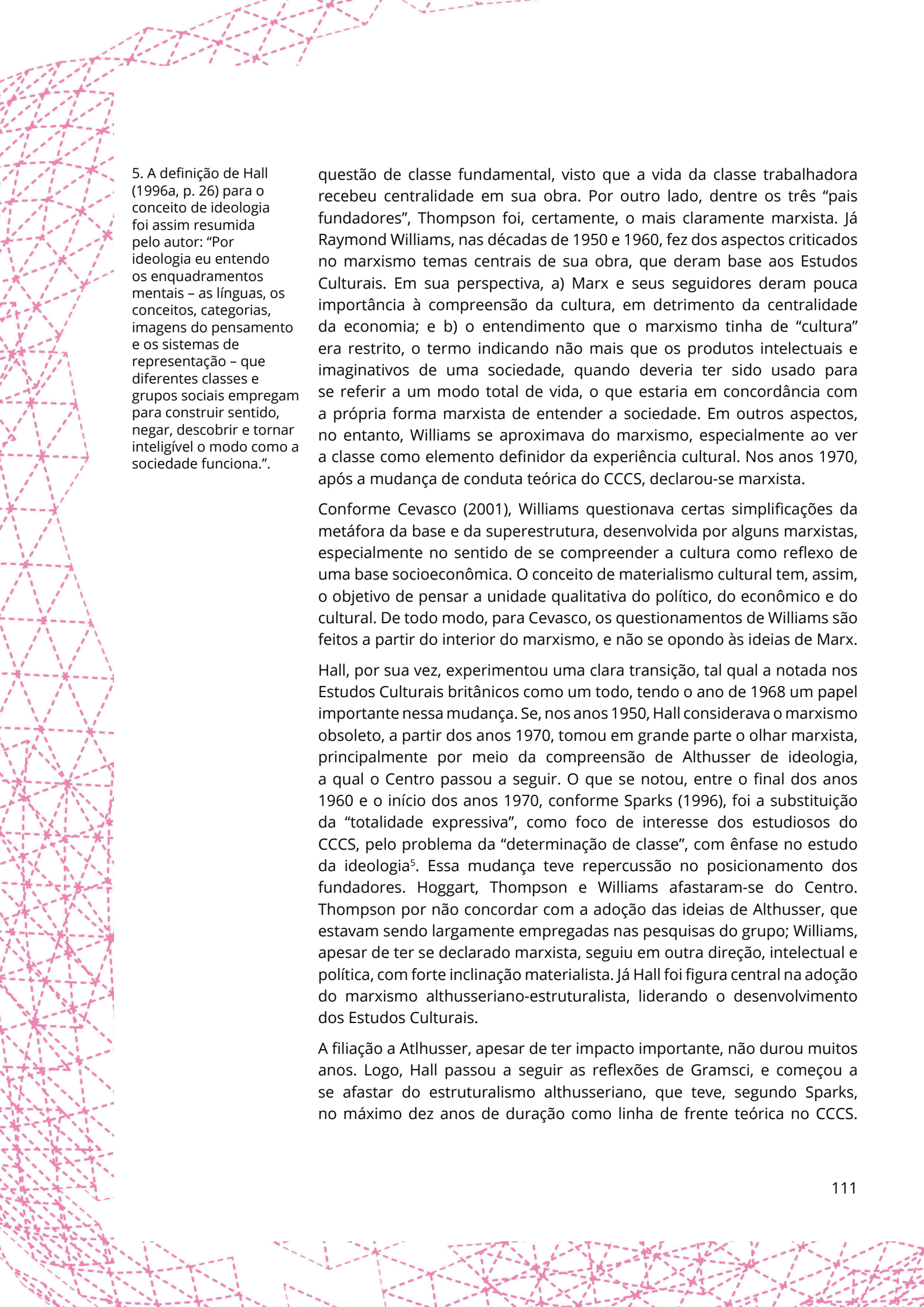
Johnson esquematiza os aspectos em que percebe, mais claramente, a influência marxista sobre os Estudos Culturais. Para ele, são três premissas principais dessa relação:

A primeira é que os processos culturais estão intimamente vinculados com as relações sociais, especialmente com as relações e as formações de classe, com as divisões sexuais, com a estruturação racial das relações sociais e com as opressões de idade. A segunda é que cultura envolve poder, contribuindo para produzir assimetrias nas capacidades dos indivíduos e dos grupos sociais para definir e satisfazer suas necessidades. E a terceira, que se deduz das outras duas, é que cultura não é um campo autônomo nem externamente determinado, mas um local de diferenças e de lutas sociais. (JOHNSON, 1999, p. 13).

Nos trabalhos inaugurais, de Hoggart, Williams e Thompson², são identificáveis os vetores destacados por Johnson³. Ressalta-se o foco dado à classe trabalhadora, desde dentro, sendo uma das questões originárias dos Estudos Culturais. Como aponta Munt (2000, p. 4), "[...] a cultura da classe trabalhadora britânica tornou-se o texto, assim como a teoria, para a nova disciplina". Vale destacar que a categoria de classe social, embora fortemente vinculada ao marxismo, tem "vida própria" nos Estudos Culturais, tendo sido tema de estudos antes de um uso mais extensivo das ideias de Marx. "Os Estudos Culturais foram um campo formado por classe social" (Ibid., p. 2).

Sparks (1996) buscou traçar a trajetória da conexão entre Estudos Culturais e marxismo, destacando os momentos em que houve uma maior aproximação ou um afastamento entre ambos. O autor avalia que a relação, de um modo mais harmônico, durou cerca de 20 anos, tendo iniciado entre 1968 e 1972 e se encerrando junto ao colapso da União Soviética. Para Sparks, foram os Estudos Culturais desse período – anos 1970⁴ e 1980 –, ou, os estudos culturais mais marxistas, que ficaram mundialmente conhecidos e tiveram grande sucesso de exportação.

Nessa linha do tempo, o autor também avalia a adesão à teoria marxista das figuras mais importantes da fundação da disciplina. Em primeiro lugar, o de mais fácil classificação, segundo Sparks, é Hoggart, que, simplesmente, não era, e nunca foi, marxista. Isso não significa que não considerasse a



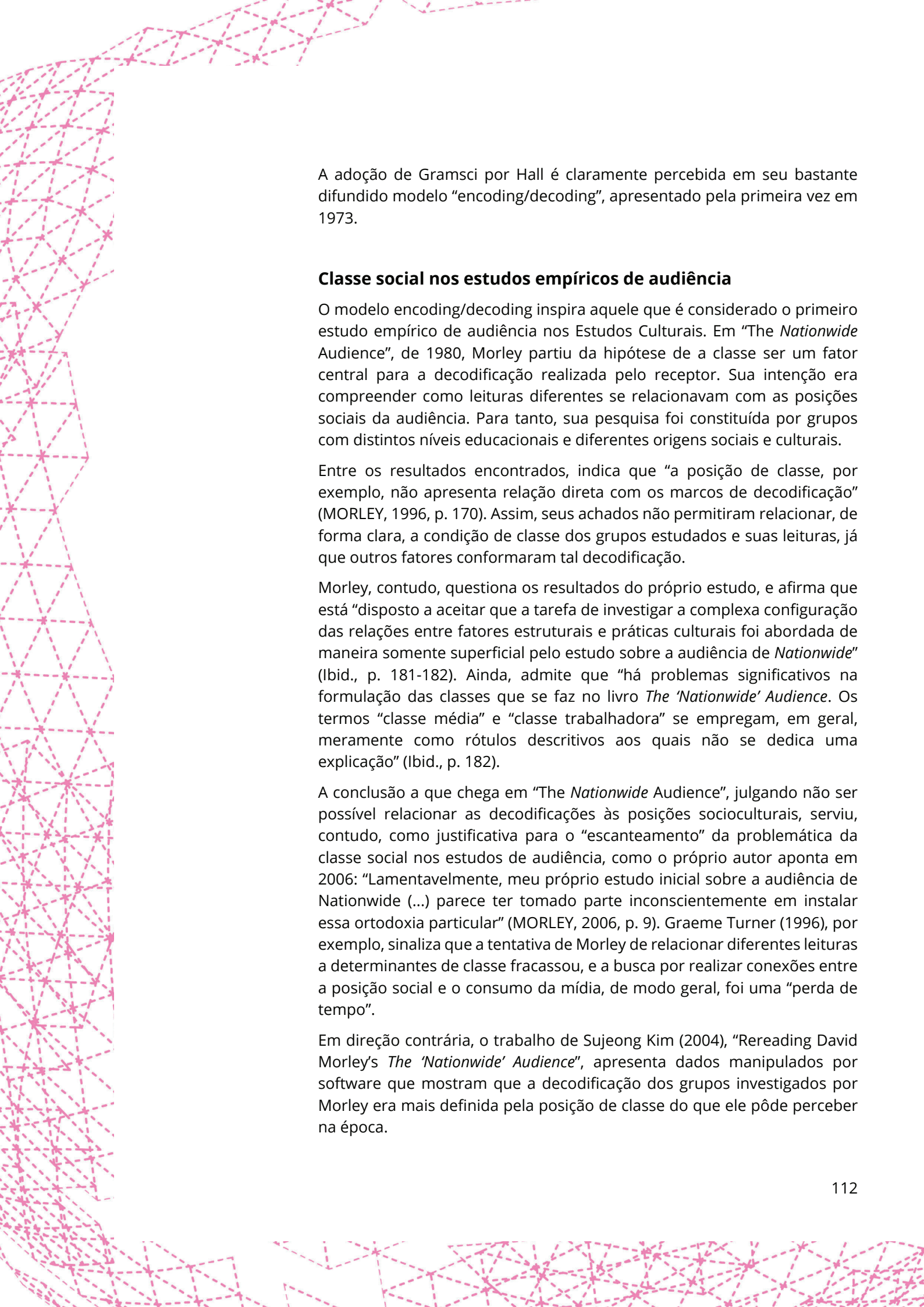
5. A definição de Hall (1996a, p. 26) para o conceito de ideologia foi assim resumida pelo autor: “Por ideologia eu entendo os enquadramentos mentais – as línguas, os conceitos, categorias, imagens do pensamento e os sistemas de representação – que diferentes classes e grupos sociais empregam para construir sentido, negar, descobrir e tornar inteligível o modo como a sociedade funciona.”.

questão de classe fundamental, visto que a vida da classe trabalhadora recebeu centralidade em sua obra. Por outro lado, dentre os três “pais fundadores”, Thompson foi, certamente, o mais claramente marxista. Já Raymond Williams, nas décadas de 1950 e 1960, fez dos aspectos criticados no marxismo temas centrais de sua obra, que deram base aos Estudos Culturais. Em sua perspectiva, a) Marx e seus seguidores deram pouca importância à compreensão da cultura, em detrimento da centralidade da economia; e b) o entendimento que o marxismo tinha de “cultura” era restrito, o termo indicando não mais que os produtos intelectuais e imaginativos de uma sociedade, quando deveria ter sido usado para se referir a um modo total de vida, o que estaria em concordância com a própria forma marxista de entender a sociedade. Em outros aspectos, no entanto, Williams se aproximava do marxismo, especialmente ao ver a classe como elemento definidor da experiência cultural. Nos anos 1970, após a mudança de conduta teórica do CCCS, declarou-se marxista.

Conforme Cevasco (2001), Williams questionava certas simplificações da metáfora da base e da superestrutura, desenvolvida por alguns marxistas, especialmente no sentido de se compreender a cultura como reflexo de uma base socioeconômica. O conceito de materialismo cultural tem, assim, o objetivo de pensar a unidade qualitativa do político, do econômico e do cultural. De todo modo, para Cevasco, os questionamentos de Williams são feitos a partir do interior do marxismo, e não se opõem às ideias de Marx.

Hall, por sua vez, experimentou uma clara transição, tal qual a notada nos Estudos Culturais britânicos como um todo, tendo o ano de 1968 um papel importante nessa mudança. Se, nos anos 1950, Hall considerava o marxismo obsoleto, a partir dos anos 1970, tomou em grande parte o olhar marxista, principalmente por meio da compreensão de Althusser de ideologia, a qual o Centro passou a seguir. O que se notou, entre o final dos anos 1960 e o início dos anos 1970, conforme Sparks (1996), foi a substituição da “totalidade expressiva”, como foco de interesse dos estudiosos do CCCS, pelo problema da “determinação de classe”, com ênfase no estudo da ideologia⁵. Essa mudança teve repercussão no posicionamento dos fundadores. Hoggart, Thompson e Williams afastaram-se do Centro. Thompson por não concordar com a adoção das ideias de Althusser, que estavam sendo largamente empregadas nas pesquisas do grupo; Williams, apesar de ter se declarado marxista, seguiu em outra direção, intelectual e política, com forte inclinação materialista. Já Hall foi figura central na adoção do marxismo althusseriano-estruturalista, liderando o desenvolvimento dos Estudos Culturais.

A filiação a Althusser, apesar de ter impacto importante, não durou muitos anos. Logo, Hall passou a seguir as reflexões de Gramsci, e começou a se afastar do estruturalismo althusseriano, que teve, segundo Sparks, no máximo dez anos de duração como linha de frente teórica no CCCS.



A adoção de Gramsci por Hall é claramente percebida em seu bastante difundido modelo “encoding/decoding”, apresentado pela primeira vez em 1973.

Classe social nos estudos empíricos de audiência

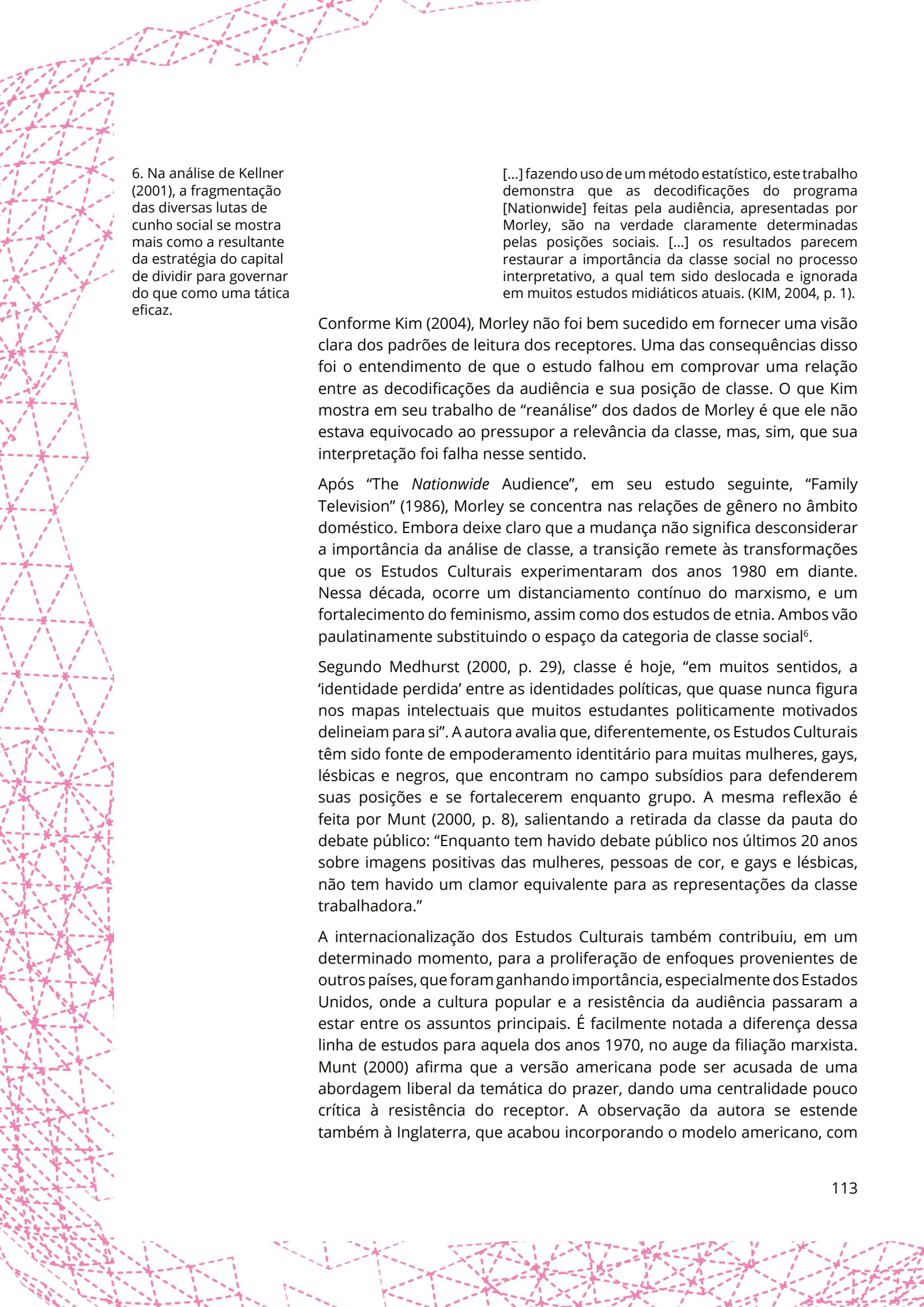
O modelo encoding/decoding inspira aquele que é considerado o primeiro estudo empírico de audiência nos Estudos Culturais. Em “*The Nationwide Audience*”, de 1980, Morley partiu da hipótese de a classe ser um fator central para a decodificação realizada pelo receptor. Sua intenção era compreender como leituras diferentes se relacionavam com as posições sociais da audiência. Para tanto, sua pesquisa foi constituída por grupos com distintos níveis educacionais e diferentes origens sociais e culturais.

Entre os resultados encontrados, indica que “a posição de classe, por exemplo, não apresenta relação direta com os marcos de decodificação” (MORLEY, 1996, p. 170). Assim, seus achados não permitiram relacionar, de forma clara, a condição de classe dos grupos estudados e suas leituras, já que outros fatores conformaram tal decodificação.

Morley, contudo, questiona os resultados do próprio estudo, e afirma que está “disposto a aceitar que a tarefa de investigar a complexa configuração das relações entre fatores estruturais e práticas culturais foi abordada de maneira somente superficial pelo estudo sobre a audiência de *Nationwide*” (Ibid., p. 181-182). Ainda, admite que “há problemas significativos na formulação das classes que se faz no livro *The ‘Nationwide’ Audience*. Os termos “classe média” e “classe trabalhadora” se empregam, em geral, meramente como rótulos descritivos aos quais não se dedica uma explicação” (Ibid., p. 182).

A conclusão a que chega em “*The Nationwide Audience*”, julgando não ser possível relacionar as decodificações às posições socioculturais, serviu, contudo, como justificativa para o “escanteamento” da problemática da classe social nos estudos de audiência, como o próprio autor aponta em 2006: “Lamentavelmente, meu próprio estudo inicial sobre a audiência de *Nationwide* (...) parece ter tomado parte inconscientemente em instalar essa ortodoxia particular” (MORLEY, 2006, p. 9). Graeme Turner (1996), por exemplo, sinaliza que a tentativa de Morley de relacionar diferentes leituras a determinantes de classe fracassou, e a busca por realizar conexões entre a posição social e o consumo da mídia, de modo geral, foi uma “perda de tempo”.

Em direção contrária, o trabalho de Sujeong Kim (2004), “Rereading David Morley’s *The ‘Nationwide’ Audience*”, apresenta dados manipulados por software que mostram que a decodificação dos grupos investigados por Morley era mais definida pela posição de classe do que ele pôde perceber na época.



6. Na análise de Kellner (2001), a fragmentação das diversas lutas de cunho social se mostra mais como a resultante da estratégia do capital de dividir para governar do que como uma tática eficaz.

[...]fazendo uso de um método estatístico, este trabalho demonstra que as decodificações do programa [Nationwide] feitas pela audiência, apresentadas por Morley, são na verdade claramente determinadas pelas posições sociais. [...] os resultados parecem restaurar a importância da classe social no processo interpretativo, a qual tem sido deslocada e ignorada em muitos estudos midiáticos atuais. (KIM, 2004, p. 1).

Conforme Kim (2004), Morley não foi bem sucedido em fornecer uma visão clara dos padrões de leitura dos receptores. Uma das consequências disso foi o entendimento de que o estudo falhou em comprovar uma relação entre as decodificações da audiência e sua posição de classe. O que Kim mostra em seu trabalho de “reanálise” dos dados de Morley é que ele não estava equivocado ao pressupor a relevância da classe, mas, sim, que sua interpretação foi falha nesse sentido.

Após “*The Nationwide Audience*”, em seu estudo seguinte, “*Family Television*” (1986), Morley se concentra nas relações de gênero no âmbito doméstico. Embora deixe claro que a mudança não significa desconsiderar a importância da análise de classe, a transição remete às transformações que os Estudos Culturais experimentaram dos anos 1980 em diante. Nessa década, ocorre um distanciamento contínuo do marxismo, e um fortalecimento do feminismo, assim como dos estudos de etnia. Ambos vão paulatinamente substituindo o espaço da categoria de classe social⁶.

Segundo Medhurst (2000, p. 29), classe é hoje, “em muitos sentidos, a ‘identidade perdida’ entre as identidades políticas, que quase nunca figura nos mapas intelectuais que muitos estudantes politicamente motivados delineiam para si”. A autora avalia que, diferentemente, os Estudos Culturais têm sido fonte de empoderamento identitário para muitas mulheres, gays, lésbicas e negros, que encontram no campo subsídios para defenderem suas posições e se fortalecerem enquanto grupo. A mesma reflexão é feita por Munt (2000, p. 8), salientando a retirada da classe da pauta do debate público: “Enquanto tem havido debate público nos últimos 20 anos sobre imagens positivas das mulheres, pessoas de cor, e gays e lésbicas, não tem havido um clamor equivalente para as representações da classe trabalhadora.”

A internacionalização dos Estudos Culturais também contribuiu, em um determinado momento, para a proliferação de enfoques provenientes de outros países, que foram ganhando importância, especialmente dos Estados Unidos, onde a cultura popular e a resistência da audiência passaram a estar entre os assuntos principais. É facilmente notada a diferença dessa linha de estudos para aquela dos anos 1970, no auge da filiação marxista. Munt (2000) afirma que a versão americana pode ser acusada de uma abordagem liberal da temática do prazer, dando uma centralidade pouco crítica à resistência do receptor. A observação da autora se estende também à Inglaterra, que acabou incorporando o modelo americano, com

7. Publicado originalmente em 1992, com o título "Television, Audiences and Cultural Studies".

8. Acerca de seu posicionamento sobre o marxismo, Morley (2010a, p. 258) expõe: "Que tipo de marxista sou? Bem, não sei, o próprio Marx negou sempre ser um marxista, então, não vou subscrever um tipo dado de marxismo, mas penso que qualquer forma de análise que tente operar sem certas categorias derivadas de Marx, tais como classe, estruturas de propriedade de um certo tipo e a forma de circulação do capital pode não ser produtiva."

questões como a de classe sendo esquecidas. Para ela, "classe, parece, é uma questão morta", pois "falar de classe não é popular" (p. 3) e "não é sexy o suficiente para os intelectuais" (p. 7).

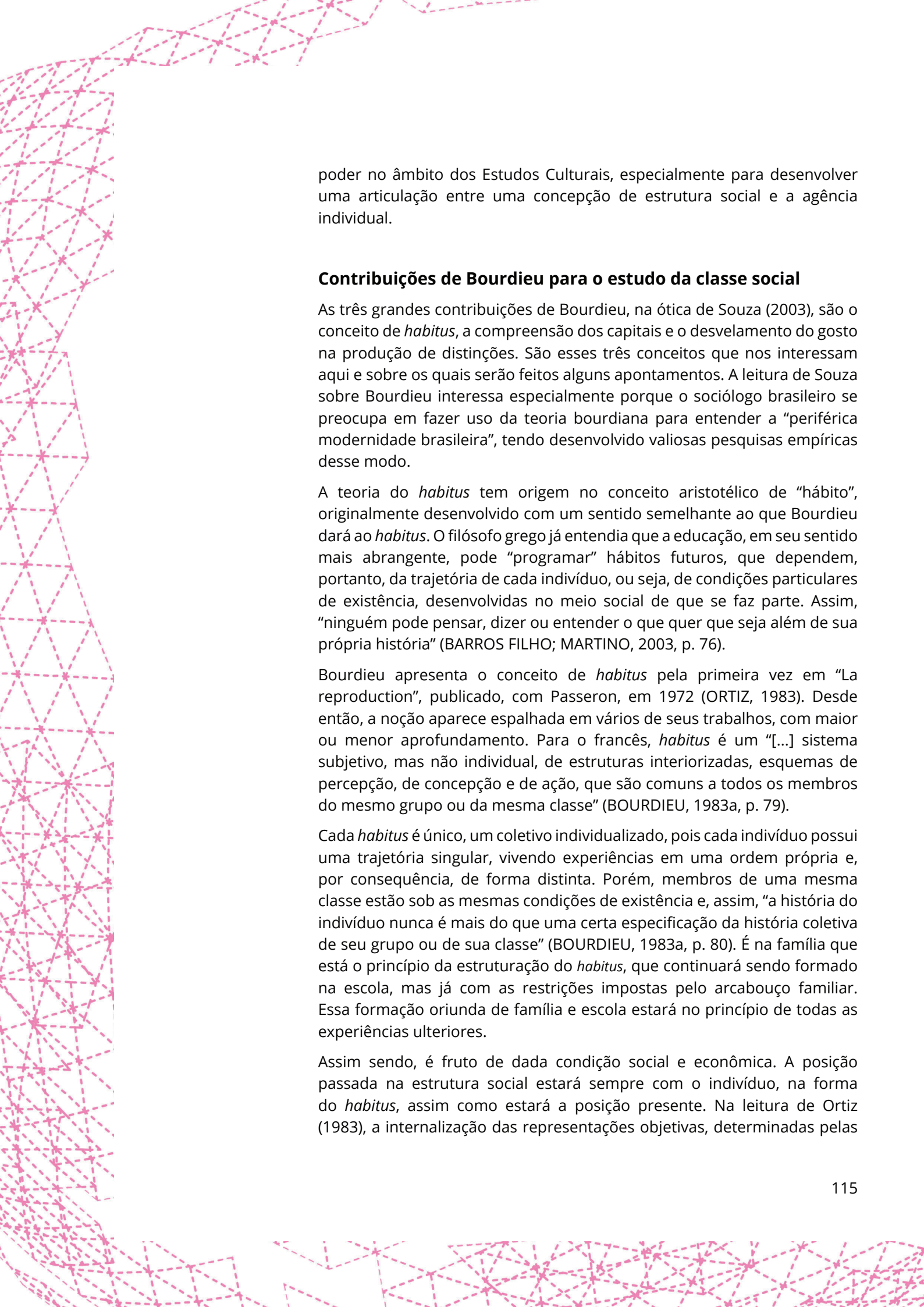
Mais recentemente, conforme Medhurst (2000, p. 22), teria ocorrido uma homogeneização internacional dos Estudos Culturais, o que não é coerente com os princípios da disciplina. Afirma que temos hoje "McCultural McStudies", "com o mesmo gosto em qualquer lugar que você vá". Para a autora, uma maneira de resistir a essa homogeneização é "reexaminar questões de classe, pertencimento e cultura, com as quais o projeto dos Estudos Culturais começou" (Ibid.). Hall (1996c, p. 402) concorda que essas eram indagações centrais nos anos iniciais da disciplina, e que foram deixadas de lado, sendo substituídas por estudos mais autocentrados. "Nos estágios iniciais, talvez nós falássemos muito sobre classe trabalhadora, subcultura. Agora ninguém fala sobre isso. Eles falam sobre mim mesmo, minha mãe, meu pai, meus amigos, e isso é, com certeza, uma experiência muito seletiva."

Apesar de se perceber esse esmorecimento da questão de classe nas pesquisas realizadas sob o marco dos Estudos Culturais, nunca cessaram por completo os estudos com essa abordagem. No caso de Morley, em "Televisión, audiencias y estudios culturales" (1996)⁷, por exemplo, o autor retoma a defesa pelo estudo da posição de classe.

Se não podemos adotar uma posição determinista e supor que a posição social de uma pessoa irá determinar automaticamente seu marco conceitual e cultural, devemos ter em conta que os contextos sociais fornecem os recursos e estabelecem os limites dentro dos quais operam os indivíduos (...). Suas leituras individuais estarão enquadradas por formações e práticas culturais compartilhadas, que, por sua vez, estarão determinadas pela posição objetiva que ocupa o indivíduo na estrutura social. Com isso não queremos dizer que a posição social objetiva de uma pessoa determine sua consciência de um modo mecânico; a pessoa entende qual é sua situação e reage a ela no nível das subculturas e dos sistemas de sentido (MORLEY, 1996, p. 128-129).

No artigo "Classificações Mediadas: Representações de classe e cultura na televisão britânica contemporânea", Morley (2010b) defende a importância da classe social nos estudos da mídia, levando a cabo três debates históricos: a) relacionado aos debates sobre essencialismo de classe na pesquisa de audiência da mídia; b) acerca dos primeiros debates de sociologia educacional sobre classe, linguagem, poder e privação cultural; e c) em relação às teorias marxistas de classe e, em particular, às formulações de Marx⁸ sobre a categoria do lumpemproletariado.

A partir disso, consideramos, assim como Couldry (2010), que Bourdieu é uma importante inspiração para pensar a classe social e as relações de



poder no âmbito dos Estudos Culturais, especialmente para desenvolver uma articulação entre uma concepção de estrutura social e a agência individual.

Contribuições de Bourdieu para o estudo da classe social

As três grandes contribuições de Bourdieu, na ótica de Souza (2003), são o conceito de *habitus*, a compreensão dos capitais e o desvelamento do gosto na produção de distinções. São esses três conceitos que nos interessam aqui e sobre os quais serão feitos alguns apontamentos. A leitura de Souza sobre Bourdieu interessa especialmente porque o sociólogo brasileiro se preocupa em fazer uso da teoria bourdiana para entender a “periférica modernidade brasileira”, tendo desenvolvido valiosas pesquisas empíricas desse modo.

A teoria do *habitus* tem origem no conceito aristotélico de “hábito”, originalmente desenvolvido com um sentido semelhante ao que Bourdieu dará ao *habitus*. O filósofo grego já entendia que a educação, em seu sentido mais abrangente, pode “programar” hábitos futuros, que dependem, portanto, da trajetória de cada indivíduo, ou seja, de condições particulares de existência, desenvolvidas no meio social de que se faz parte. Assim, “ninguém pode pensar, dizer ou entender o que quer que seja além de sua própria história” (BARROS FILHO; MARTINO, 2003, p. 76).

Bourdieu apresenta o conceito de *habitus* pela primeira vez em “La reproduction”, publicado, com Passeron, em 1972 (ORTIZ, 1983). Desde então, a noção aparece espalhada em vários de seus trabalhos, com maior ou menor aprofundamento. Para o francês, *habitus* é um “[...] sistema subjetivo, mas não individual, de estruturas interiorizadas, esquemas de percepção, de concepção e de ação, que são comuns a todos os membros do mesmo grupo ou da mesma classe” (BOURDIEU, 1983a, p. 79).

Cada *habitus* é único, um coletivo individualizado, pois cada indivíduo possui uma trajetória singular, vivendo experiências em uma ordem própria e, por consequência, de forma distinta. Porém, membros de uma mesma classe estão sob as mesmas condições de existência e, assim, “a história do indivíduo nunca é mais do que uma certa especificação da história coletiva de seu grupo ou de sua classe” (BOURDIEU, 1983a, p. 80). É na família que está o princípio da estruturação do *habitus*, que continuará sendo formado na escola, mas já com as restrições impostas pelo arcabouço familiar. Essa formação oriunda de família e escola estará no princípio de todas as experiências ulteriores.

Assim sendo, é fruto de dada condição social e econômica. A posição passada na estrutura social estará sempre com o indivíduo, na forma do *habitus*, assim como estará a posição presente. Na leitura de Ortiz (1983), a internalização das representações objetivas, determinadas pelas

9. A fala de uma feminista inglesa ilustra isso: “Embora eu receba um salário de classe média para fazer coisas de classe média, eu nunca penso em mim mesma como uma pessoa inteiramente da classe média. Eu simplesmente não me sinto classe média” (MEDHURST, 2000, p. 20).

10. Analisando o modelo de capitais pensado por Bourdieu, Murdock (2009, p. 39) assinala que “ele toma o conceito de capacidades de mercado de Weber e o converte na retórica de capital de Marx, argumentando que há três formas básicas de capital em circulação nas sociedades capitalistas: capital econômico, capital social – ‘composto de recursos com base em associação de grupo e uniões’ – e capital cultural (Bourdieu, 1987, p. 4). Neste modelo, a estrutura de classe aparece como um espaço multidimensional onde as classes são definidas, em primeiro lugar, pela quantidade ou volume de capital possuído, em segundo por sua composição, e em terceiro lugar pela constituição e peso variáveis de suas propriedades ao longo do tempo conforme tentam maximizar suas vantagens, lutando para converter a mão inicial da cartada em três ases”.

posições sociais ocupadas, garantem a relativa homogeneidade dos *habitus* subjetivos, que pré-moldam possibilidades e impossibilidades.

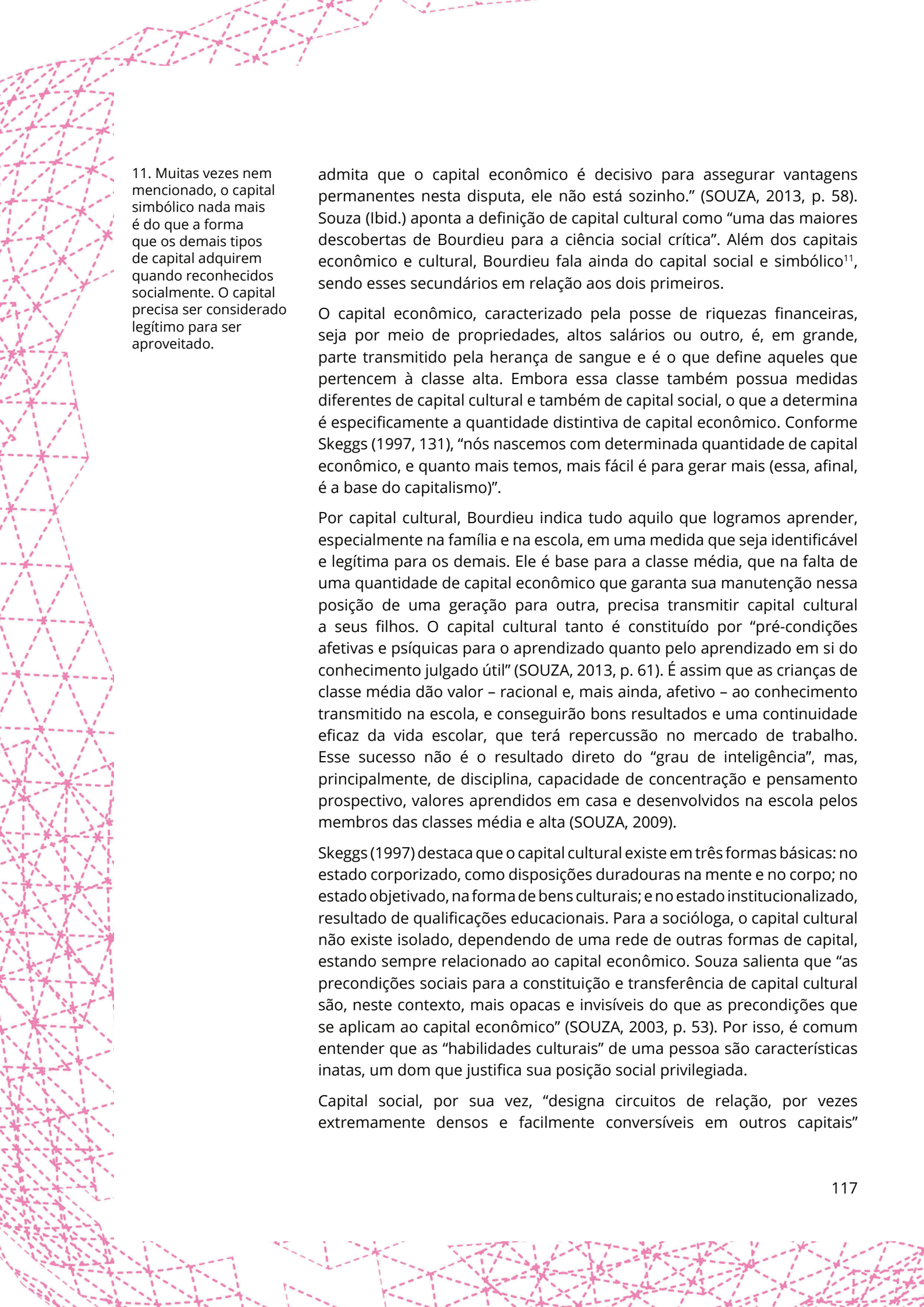
Souza aponta que a classe social, mais do que deixar herança material, deixa bens imateriais – o *habitus*: é um modo de se comportar, uma visão de mundo, o estímulo e o *background* para o estudo, uma maneira de se relacionar, aprendidos desde a mais tenra idade. Sem isso em vista, acredita-se que o “modo de ser”, pensar, agir, dos indivíduos das classes médias é “produto ‘mágico’ do talento divino”, reconhecendo-se os mais bem aquinhoados como “seres especiais merecedores da felicidade que possuem” (SOUZA, 2010, p. 49).

O *habitus* é constituído no vivido e experimentado, que se torna passado e irá definir as percepções, avaliações e ações em momentos presentes e futuros, tornando as condutas e comportamentos “naturais”. Quanto mais as novas experiências se assemelham a situações já vividas, mais as soluções prontas do já aprendido são úteis, dispensando o pensamento refletido e produzindo reações espontâneas. “É porque os sujeitos não sabem, propriamente falando, o que fazem, que o que fazem tem mais sentido do que eles sabem.” (BOURDIEU, 1983a, p. 73). Na circunstância contrária, o cálculo torna-se necessário para definir o comportamento. O *habitus* é objetivamente regulado, assim como irá regular as ações futuras, embora essa regulação não dependa de regras conscientemente obedecidas.

As disposições que constituem o *habitus* são duráveis, assim como costumam ser duradouras as posições ocupadas na estrutura social, e tendem a se fortalecer. Contudo, não são imutáveis. “[...] o *habitus* não é o destino, como sugerem alguns. Sendo o produto da História, é um sistema de disposições aberto, que está sempre à mercê de experiências novas e, portanto, permanentemente afetado por elas” (BARROS FILHO; MARTINO, 2003, p. 98-99). Há sempre margem para a formação de novas visões de mundo, mas essas estão limitadas pelos esquemas já existentes⁹.

Um aspecto central do *habitus* é sua condição de ser incorporado, no sentido mesmo de se tornar corpo, seja nos gestos, nos modos de vestir, no corte de cabelo, nas formas do corpo, etc. Os hábitos alimentares, por exemplo, estão intrinsecamente relacionados ao *habitus*, e definirão a aparência, que apresenta certa homogeneidade dentro de uma mesma classe. Esses sinais visuais são o primeiro indício que nos permite classificar as pessoas e imaginar sua origem social.

Por sua vez, a partir do conceito marxista de capital¹⁰, Bourdieu desenvolve uma teoria que trata de outras riquezas para além da econômica, relativas a aspectos culturais e simbólicos. Assim como no marxismo, mais capital significa mais poder na sociedade capitalista. Com Bourdieu, “capital” deixa de ser apenas uma categoria econômica”, e passa a incluir outras condições que são decisivas “para assegurar o acesso privilegiado a todos os bens e recursos escassos em disputa na competição social. Ainda que Bourdieu



11. Muitas vezes nem mencionado, o capital simbólico nada mais é do que a forma que os demais tipos de capital adquirem quando reconhecidos socialmente. O capital precisa ser considerado legítimo para ser aproveitado.

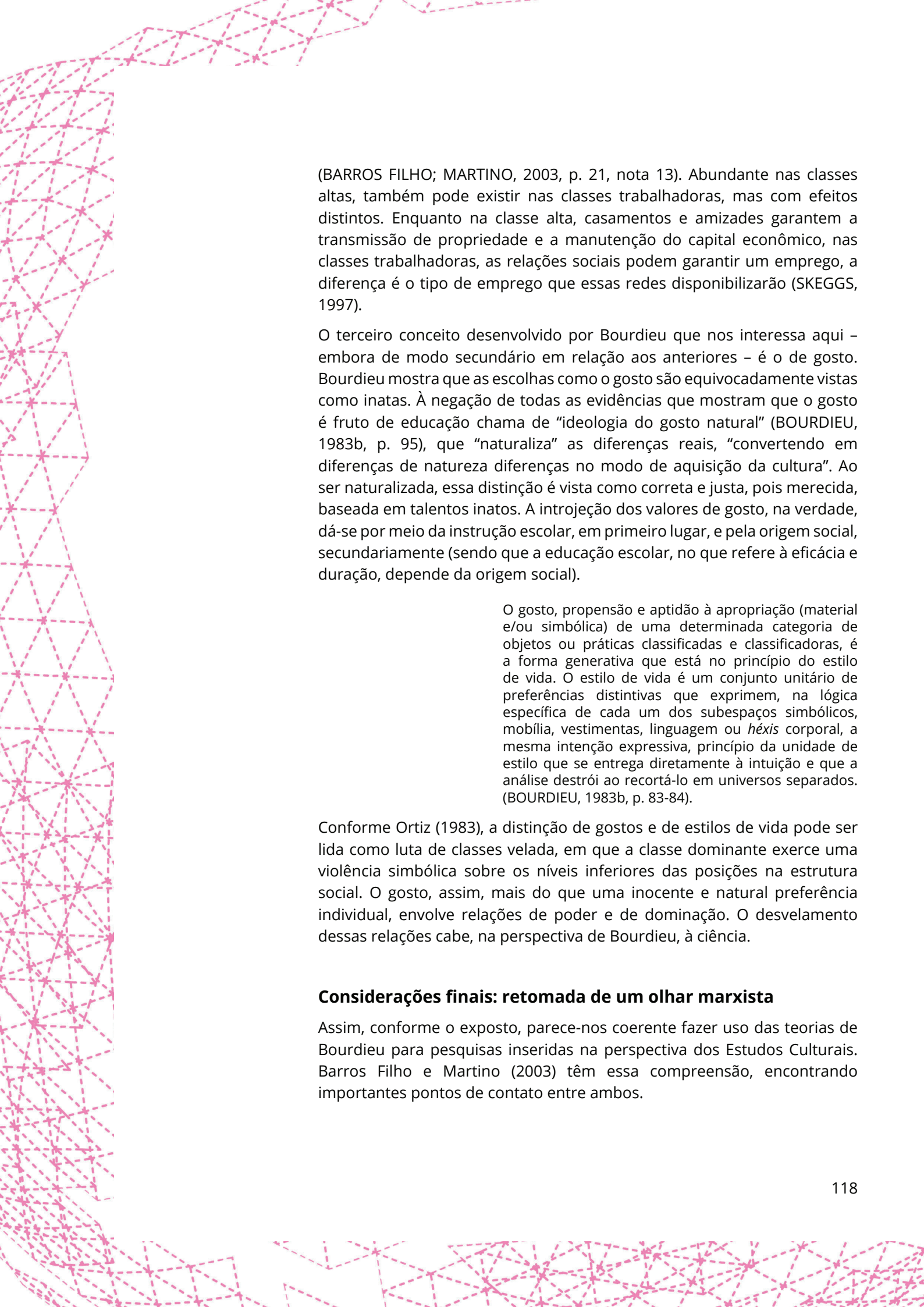
admita que o capital econômico é decisivo para assegurar vantagens permanentes nesta disputa, ele não está sozinho.” (SOUZA, 2013, p. 58). Souza (Ibid.) aponta a definição de capital cultural como “uma das maiores descobertas de Bourdieu para a ciência social crítica”. Além dos capitais econômico e cultural, Bourdieu fala ainda do capital social e simbólico¹¹, sendo esses secundários em relação aos dois primeiros.

O capital econômico, caracterizado pela posse de riquezas financeiras, seja por meio de propriedades, altos salários ou outro, é, em grande parte transmitido pela herança de sangue e é o que define aqueles que pertencem à classe alta. Embora essa classe também possua medidas diferentes de capital cultural e também de capital social, o que a determina é especificamente a quantidade distintiva de capital econômico. Conforme Skeggs (1997, 131), “nós nascemos com determinada quantidade de capital econômico, e quanto mais temos, mais fácil é para gerar mais (essa, afinal, é a base do capitalismo)”.

Por capital cultural, Bourdieu indica tudo aquilo que logramos aprender, especialmente na família e na escola, em uma medida que seja identificável e legítima para os demais. Ele é base para a classe média, que na falta de uma quantidade de capital econômico que garanta sua manutenção nessa posição de uma geração para outra, precisa transmitir capital cultural a seus filhos. O capital cultural tanto é constituído por “pré-condições afetivas e psíquicas para o aprendizado quanto pelo aprendizado em si do conhecimento julgado útil” (SOUZA, 2013, p. 61). É assim que as crianças de classe média dão valor – racional e, mais ainda, afetivo – ao conhecimento transmitido na escola, e conseguirão bons resultados e uma continuidade eficaz da vida escolar, que terá repercussão no mercado de trabalho. Esse sucesso não é o resultado direto do “grau de inteligência”, mas, principalmente, de disciplina, capacidade de concentração e pensamento prospectivo, valores aprendidos em casa e desenvolvidos na escola pelos membros das classes média e alta (SOUZA, 2009).

Skeggs (1997) destaca que o capital cultural existe em três formas básicas: no estado corporizado, como disposições duradouras na mente e no corpo; no estado objetivado, na forma de bens culturais; e no estado institucionalizado, resultado de qualificações educacionais. Para a socióloga, o capital cultural não existe isolado, dependendo de uma rede de outras formas de capital, estando sempre relacionado ao capital econômico. Souza salienta que “as pré-condições sociais para a constituição e transferência de capital cultural são, neste contexto, mais opacas e invisíveis do que as pré-condições que se aplicam ao capital econômico” (SOUZA, 2003, p. 53). Por isso, é comum entender que as “habilidades culturais” de uma pessoa são características inatas, um dom que justifica sua posição social privilegiada.

Capital social, por sua vez, “designa circuitos de relação, por vezes extremamente densos e facilmente conversíveis em outros capitais”



(BARROS FILHO; MARTINO, 2003, p. 21, nota 13). Abundante nas classes altas, também pode existir nas classes trabalhadoras, mas com efeitos distintos. Enquanto na classe alta, casamentos e amizades garantem a transmissão de propriedade e a manutenção do capital econômico, nas classes trabalhadoras, as relações sociais podem garantir um emprego, a diferença é o tipo de emprego que essas redes disponibilizarão (SKEGGS, 1997).

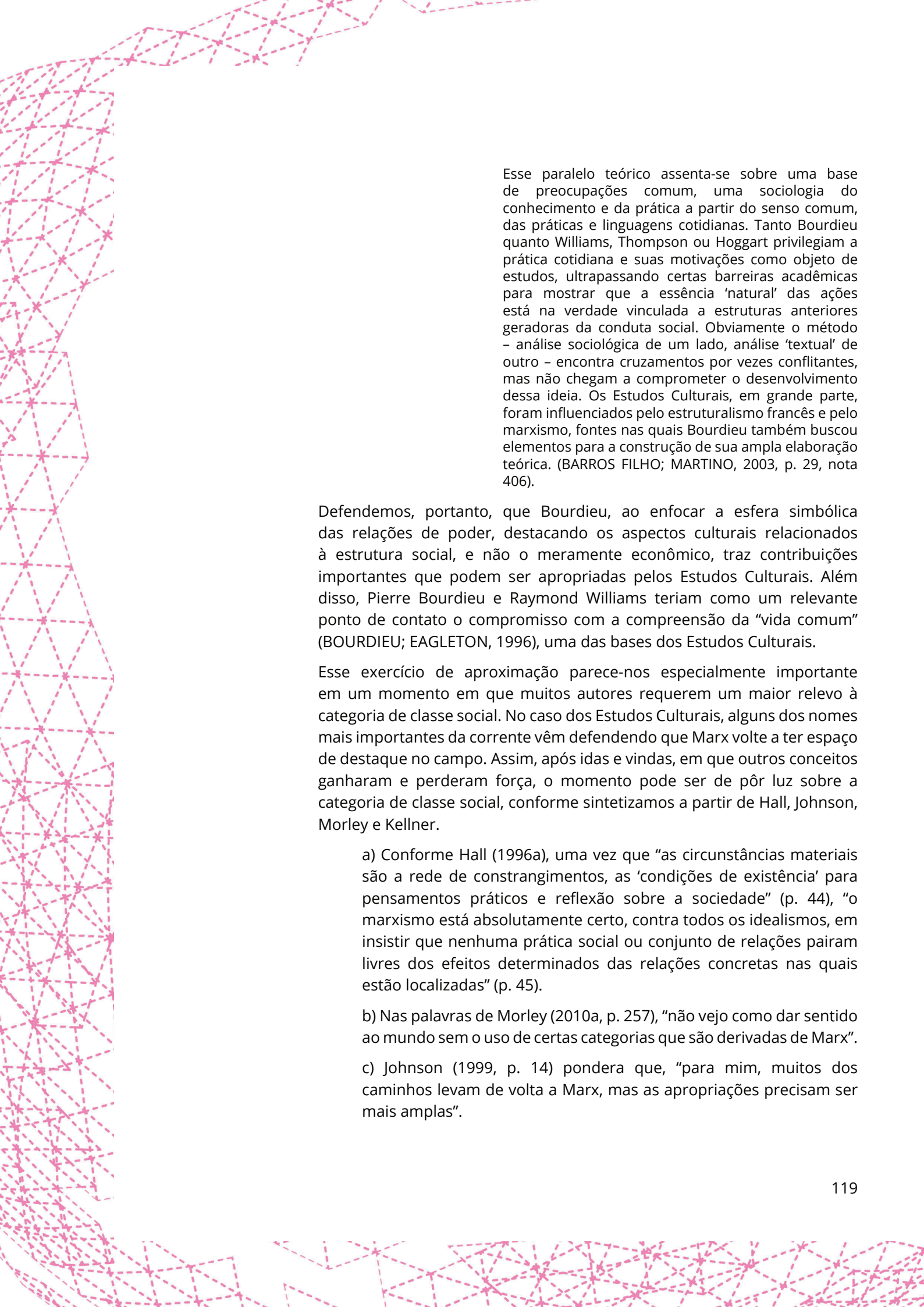
O terceiro conceito desenvolvido por Bourdieu que nos interessa aqui – embora de modo secundário em relação aos anteriores – é o de gosto. Bourdieu mostra que as escolhas como o gosto são equivocadamente vistas como inatas. À negação de todas as evidências que mostram que o gosto é fruto de educação chama de “ideologia do gosto natural” (BOURDIEU, 1983b, p. 95), que “naturaliza” as diferenças reais, “convertendo em diferenças de natureza diferenças no modo de aquisição da cultura”. Ao ser naturalizada, essa distinção é vista como correta e justa, pois merecida, baseada em talentos inatos. A introjeção dos valores de gosto, na verdade, dá-se por meio da instrução escolar, em primeiro lugar, e pela origem social, secundariamente (sendo que a educação escolar, no que refere à eficácia e duração, depende da origem social).

O gosto, propensão e aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras, é a forma generativa que está no princípio do estilo de vida. O estilo de vida é um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou *hélix* corporal, a mesma intenção expressiva, princípio da unidade de estilo que se entrega diretamente à intuição e que a análise destrói ao recortá-lo em universos separados. (BOURDIEU, 1983b, p. 83-84).

Conforme Ortiz (1983), a distinção de gostos e de estilos de vida pode ser lida como luta de classes velada, em que a classe dominante exerce uma violência simbólica sobre os níveis inferiores das posições na estrutura social. O gosto, assim, mais do que uma inocente e natural preferência individual, envolve relações de poder e de dominação. O desvelamento dessas relações cabe, na perspectiva de Bourdieu, à ciência.

Considerações finais: retomada de um olhar marxista

Assim, conforme o exposto, parece-nos coerente fazer uso das teorias de Bourdieu para pesquisas inseridas na perspectiva dos Estudos Culturais. Barros Filho e Martino (2003) têm essa compreensão, encontrando importantes pontos de contato entre ambos.



Esse paralelo teórico assenta-se sobre uma base de preocupações comum, uma sociologia do conhecimento e da prática a partir do senso comum, das práticas e linguagens cotidianas. Tanto Bourdieu quanto Williams, Thompson ou Hoggart privilegiam a prática cotidiana e suas motivações como objeto de estudos, ultrapassando certas barreiras acadêmicas para mostrar que a essência 'natural' das ações está na verdade vinculada a estruturas anteriores geradoras da conduta social. Obviamente o método – análise sociológica de um lado, análise 'textual' de outro – encontra cruzamentos por vezes conflitantes, mas não chegam a comprometer o desenvolvimento dessa ideia. Os Estudos Culturais, em grande parte, foram influenciados pelo estruturalismo francês e pelo marxismo, fontes nas quais Bourdieu também buscou elementos para a construção de sua ampla elaboração teórica. (BARROS FILHO; MARTINO, 2003, p. 29, nota 406).

Defendemos, portanto, que Bourdieu, ao focar a esfera simbólica das relações de poder, destacando os aspectos culturais relacionados à estrutura social, e não o meramente econômico, traz contribuições importantes que podem ser apropriadas pelos Estudos Culturais. Além disso, Pierre Bourdieu e Raymond Williams teriam como um relevante ponto de contato o compromisso com a compreensão da "vida comum" (BOURDIEU; EAGLETON, 1996), uma das bases dos Estudos Culturais.

Esse exercício de aproximação parece-nos especialmente importante em um momento em que muitos autores requerem um maior relevo à categoria de classe social. No caso dos Estudos Culturais, alguns dos nomes mais importantes da corrente vêm defendendo que Marx volte a ter espaço de destaque no campo. Assim, após idas e vindas, em que outros conceitos ganharam e perderam força, o momento pode ser de pôr luz sobre a categoria de classe social, conforme sintetizamos a partir de Hall, Johnson, Morley e Kellner.

a) Conforme Hall (1996a), uma vez que "as circunstâncias materiais são a rede de constrangimentos, as 'condições de existência' para pensamentos práticos e reflexão sobre a sociedade" (p. 44), "o marxismo está absolutamente certo, contra todos os idealismos, em insistir que nenhuma prática social ou conjunto de relações pairam livres dos efeitos determinados das relações concretas nas quais estão localizadas" (p. 45).

b) Nas palavras de Morley (2010a, p. 257), "não vejo como dar sentido ao mundo sem o uso de certas categorias que são derivadas de Marx".

c) Johnson (1999, p. 14) pondera que, "para mim, muitos dos caminhos levam de volta a Marx, mas as apropriações precisam ser mais amplas".

d) Para Kellner (2001), os Estudos Culturais acabaram por deixar de lado questões de classe e ideologia, focando-se demasiadamente no prazer da audiência. Nesse contexto, reivindica que se combine história, teoria social, economia política e estudos de mídia/cultura para se contextualizar, interpretar e criticar adequadamente a cultura produzida pela mídia.

Por fim, acreditamos, como Morley (2006, p. 10), que “apesar das alegações de muitas teorias pós-estruturalistas, classe continua muito presente, em formas novas e em constante transformação” (MORLEY, 2006, p. 10). Assim, embora não explique tudo, é uma categoria essencial quando se tem como objetos temas relativos à comunicação e à cultura.

Referências

- BARKER, Martin; BEEZER, Anne (Eds.). **Reading Into Cultural Studies**. Londres e Nova York: Routledge, 1992.
- BARROSFILHO, Clóvis; MARTINO, Luís Mauro Sá. **O habitus na comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983a.
- _____. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983b.
- _____. **Choses dites**. Paris: Minuit, 1987.
- _____; EAGLETON, Terry. A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista In: ZIZEK, Slavoj (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- CLARKE, John; CRITCHER, Chas; JOHNSON, Richard (Ed.). **Working-Class Culture. Studies in history and theory**. New York: St. Martin's Press, 1979.
- COULDRY, Nick. **Why voice matters**. Culture and Politics after Neoliberalism. Londres: Sage, 2010.
- CURRAN, James. Depoimento James Curran. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos Estudos Culturais. Uma versão latino-americana**. [ed. on-line]. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografia dos Estudos Culturais - Uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- HALL, Stuart. The problem of ideology: marxism without guarantees. In: MORLEY, David. CHEN, Kuan-Hsing (Ed.). **Stuart Hall: Critical dialogues in Cultural Studies**. Londres: Routledge, 1996a.

_____. Cultural studies and its theoretical legacies. In: MORLEY, David; CHEN, Kuan-Hsing (Ed.). Stuart Hall: **Critical dialogues in Cultural Studies**. London: Routledge, 1996b.

_____. Cultural studies and the politics of internationalization: an interview with Stuart Hall and Kuan-Hsing Chen. In: MORELY, David; CHEN, Kuan-Ksing (Ed.). Stuart Hall: **Critical Dialogues in Cultural Studies**. London: Routledge, 1996c.

_____; JEFFERSON, Tony. **Resistance through rituals**. Youth subcultures in post-war Britain. Londres: Hutchinson/CCCS, 1975.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais? In: SILVA, Tomás Tadeu da (Org.). **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: Edusc, 2001.

KIM, Sujeong. Rereading David Morley's The 'Nationwide' Audience. **Cultural Studies**, v.18, n.1, p. 84-108, 2004.

MEDHURST, Andy. If Anywhere: Class Identifications and Cultural Studies Academics. In: MUNT, Sally. **Cultural studies and the working class**. London: Routledge, 2000.

MORLEY, David. **Televisión, audiencias y estudios culturales**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

_____. Unanswered questions in audience researchs. **E-compós**, p. 2-26, Brasília, 2006.

_____. Depoimento de David Morley. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos Estudos Culturais**. Uma versão latino-americana. [ed. on-line]. Belo Horizonte: Autêntica, 2010a.

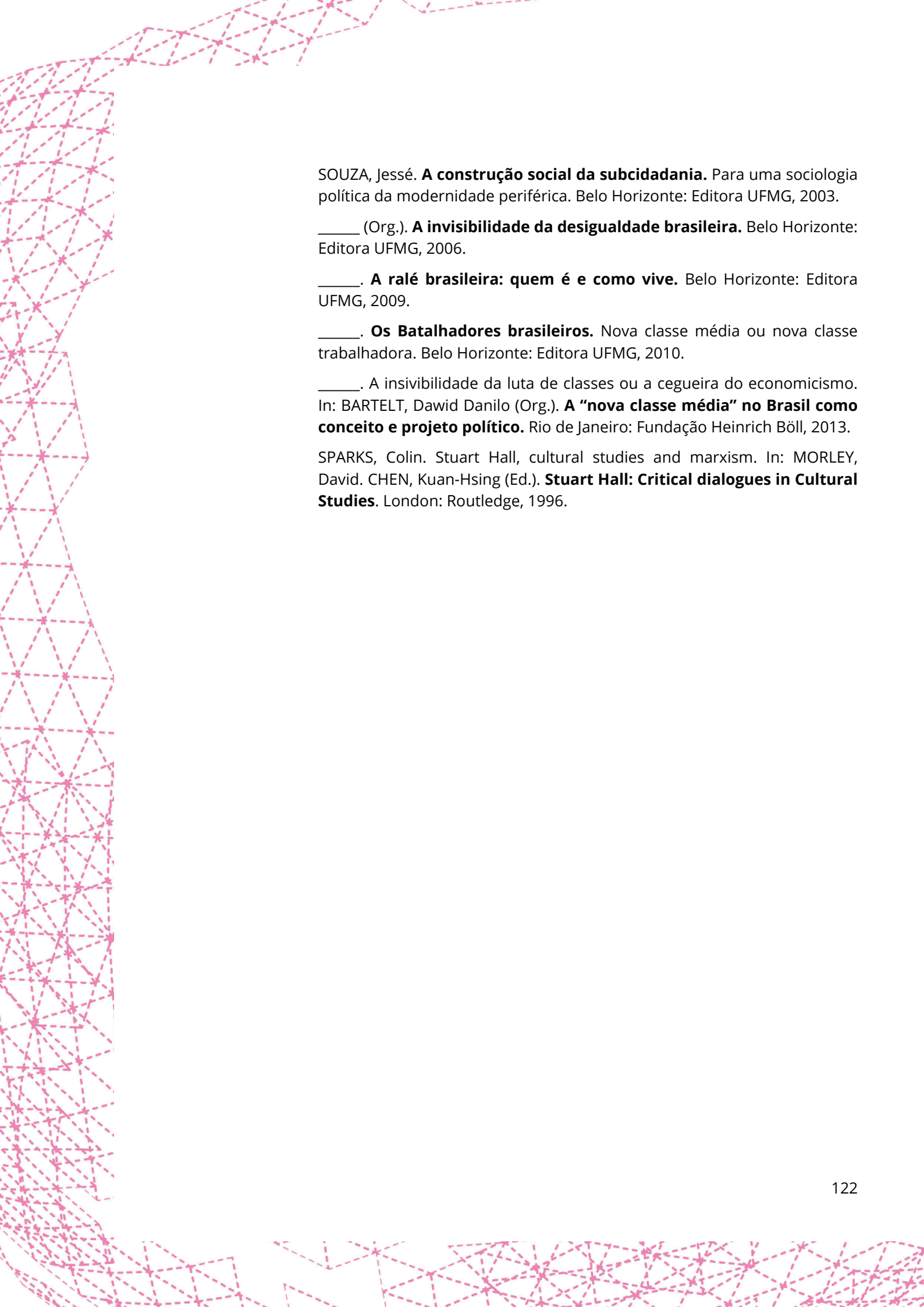
_____. **Class-ificações Mediadas**: Representações de classe e cultura na televisão britânica contemporânea. *Matrizes*, ano 3, n. 2, jan/jul, p. 11-33, 2010b.

MUNT, Sally. Introduction. In: MUNT, Sally. **Cultural Studies and the working class**. London: Cassel, 2000.

MURDOCK, Garnham. **Comunicação contemporânea e questões de classe**. *Matrizes*, ano 2, n. 2, p. 31-56, 2009.

ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983.

SKEGGS, Beverley. Classifying Practices: Representations, Capitals and Recognitions. In: MAHONY, Pat; ZMROCZEK, Christine (Ed.). **Class matters**. 'Working-class' Women's perspectives on Social Class. London: Taylor & Francis, 1997.



SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania**. Para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. (Org.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

_____. **Os Batalhadores brasileiros**. Nova classe média ou nova classe trabalhadora. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. A invisibilidade da luta de classes ou a cegueira do economicismo. In: BARTELT, Dawid Danilo (Org.). **A “nova classe média” no Brasil como conceito e projeto político**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013.

SPARKS, Colin. Stuart Hall, cultural studies and marxism. In: MORLEY, David. CHEN, Kuan-Hsing (Ed.). **Stuart Hall: Critical dialogues in Cultural Studies**. London: Routledge, 1996.